ReGeo ISSN: 2177-3246

A ICONOGRAFIA DE BELEROFONTE NA ANTIGA CORINTO

THE ICONOGRAPHY OF BELLEROPHON IN ANCIENT CORINTH

LA ICONOGRAFÍA DE BELEROFONTE EN LA ANTIGUA CORINTO

https://doi.org/10.56238/revgeov17n7-129

Data de submissão: 08/06/2026 **Data de publicação:** 23/07/2026

Ana Tércia Rosa Alves
Mestra em Psicologia
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
E-mail: ana.tercia@ufms.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0008-1319-2642
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8506773661035074

João Batista Alves de Oliveira Junior
Licenciado em História
Instituição: Centro Universitário Faveni
E-mail: juniorjrana@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/0331228783765054

Gabriel Filipe Rosa Alves
Graduando em Direito
Instituição: Universidade Federal de Jataí (UFJ)
E-mail: gabriel.alves@discente.ufj.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9076482836630297

RESUMO

Este artigo investiga a iconografia de Belerofonte na antiga cidade de Corinto, analisando sua função na construção da identidade cultural e política da cidade entre nos períodos Arcaico, Clássico e Romano. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, articula fontes primárias (cerâmicas, moedas e textos antigos) com análises acadêmicas especializadas para demonstrar como as representações artísticas do herói foram instrumentalizadas como ferramentas de legitimação territorial e coesão social. Os resultados revelam que as primeiras imagens de Belerofonte, presentes na cerâmica protocoríntia, enfatizavam o combate contra a Quimera, vinculando-o à tradição homérica. Mas, a partir do período Clássico, a iconografia desloca-se para a domesticação de Pégaso na fonte de Peirene, reforçando a conexão do mito com a topografia local. A análise das moedas coríntias demonstra a apropriação política do símbolo, associando Pégaso a Atena para destacar a proteção divina e o prestígio cívico. Conclui-se que a persistência dessas representações ao longo de séculos consagrou Belerofonte como um elemento central na autorrepresentação de Corinto, integrando narrativa mítica, espaço geográfico e identidade coletiva.

Palavras-chave: Iconografia. Grécia Antiga. Mitologia Grega. Identidade Cultural. Corinto.

ABSTRACT

This article investigates the iconography of Bellerophon in the ancient city of Corinth, analyzing its function in the construction of the city's cultural and political identity during the Archaic, Classical, and Roman periods. Through bibliographic research, it articulates primary sources (ceramics, coins, and ancient texts) with specialized academic analyses to demonstrate how artistic representations of the

hero were instrumentalized as tools of territorial legitimation and social cohesion. The results reveal that the first images of Bellerophon, present in Protocorinthian pottery, emphasized combat against the Chimera, linking it to Homeric tradition. However, from the Classical period onward, the iconography shifts to the taming of Pegasus at the Peirene spring, reinforcing the connection between the myth and local topography. The analysis of Corinthian coins demonstrates the political appropriation of the symbol, associating Pegasus with Athena to highlight divine protection and civic prestige. It is concluded that the persistence of these representations over centuries established Bellerophon as a central element in Corinth's self-representation, integrating mythic narrative, geographic space, and collective identity.

Keywords: Iconography. Ancient Greece. Greek Mythology. Cultural Identity. Corinth.

RESUMEN
Este artículo investiga la iconografía de Belerofonte en la antigua ciudad de Corinto, analizando su función en la construcción de la identidad cultural y política de la ciudad durante los períodos Arcaico, Clásico y Romano. A través de una investigación bibliográfica, articula fuentes primarias (cerámicas, monedas y textos antiguos) con análisis académicos especializados para demostrar cómo las representaciones artísticas del héroe fueron instrumentalizadas como herramientas de legitimación territorial y cohesión social. Los resultados revelan que las primeras imágenes de Belerofonte, presentes en la cerámica protocorintia, enfatizaban el combate contra la Quimera, vinculándolo a la tradición homérica. Sin embargo, a partir del período Clásico, la iconografía se desplaza hacia el dominio de Pegaso en la fuente de Peirene, reforzando la conexión del mito con la topografía local. El análisis de las monedas corintias demuestra la apropiación política del símbolo, asociando Pegaso con Atenea para destacar la protección divina y el prestigio cívico. Se concluye que la persistencia de estas representaciones durante siglos consagró a Belerofonte como un elemento central en la autorrepresentación de Corinto, integrando la narrativa mítica, el espacio geográfico y la identidad colectiva.

Palabras clave: Iconografía. Antigua Grecia. Mitología Griega. Identidad Cultural. Corinto.

1 INTRODUÇÃO

A mitologia grega, enquanto expressão cultural e religiosa, desempenhou um papel fundamental na formação da identidade das pólis antigas, servindo como veículo de transmissão de valores, legitimação de poder e reforço da coesão social. Entre as narrativas míticas, o ciclo de Belerofonte destaca-se por sua complexidade e por sua estreita relação com a cidade de Corinto, onde o herói, auxiliado pelo corcel alado Pégaso, vence a Quimera e se consagra como figura emblemática da tradição local. A representação desse mito na arte e na literatura grega revela não apenas uma rica simbologia, mas também a intrínseca conexão entre narrativa visual e textual no mundo antigo.

A iconografia de Belerofonte em Corinto emerge como um fenômeno artístico e político singular, refletindo a maneira pela qual a pólis apropriou-se do mito para consolidar sua identidade e reivindicar seu espaço no imaginário grego. Desde as primeiras representações em cerâmica protocoríntia até as cunhagens monetárias romanas, a imagem do herói e de seus atributos (Pégaso e a Quimera) perpetuou-se como um símbolo cívico, adaptando-se às transformações históricas e culturais. Essa trajetória iconográfica oferece um campo fértil para investigar como as narrativas míticas foram instrumentalizadas na construção da memória coletiva.

Diante desse contexto, o presente trabalho busca responder ao seguinte problema de pesquisa: como a iconografia de Belerofonte foi utilizada pela pólis de Corinto para reforçar sua identidade cultural e política ao longo dos períodos Arcaico, Clássico e Romano? A investigação parte do pressuposto de que as representações artísticas do herói não eram meras ilustrações do mito, mas elementos ativos na formação de uma narrativa identitária, vinculada a espaços geográficos específicos, e a valores políticos compartilhados.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a trajetória da iconografia de Belerofonte em Corinto, desde suas origens no período Arcaico até sua consolidação nos períodos Clássico e Romano. Como objetivos específicos, busca-se: examinar as primeiras representações do herói na cerâmica protocoríntia; investigar a transição temática nas obras do período Clássico, com ênfase na domesticação de Pégaso; e avaliar a função política das imagens de Belerofonte na numismática clássica e romana.

A relevância deste estudo reside em sua contribuição para os campos da História Antiga e da Arqueologia Clássica, ao demonstrar como a iconografia mitológica pode ser um instrumento de análise para compreender processos identitários nas pólis gregas. Além disso, o trabalho oferece subsídios para reflexões sobre a relação entre arte, mito e poder, temática que transcende o contexto antigo e encontra paralelos em outras sociedades.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada na análise de fontes primárias (cerâmicas, moedas e textos antigos) e secundárias (obras acadêmicas especializadas). O estudo segue uma abordagem qualitativa, articulando evidências iconográficas com interpretações históricas e arqueológicas.

2 A ICONOGRAFIA DE BELEROFONTE EM CORINTO

O episódio em que Belerofonte, auxiliado pelo corcel alado Pégaso, triunfa sobre a Quimera figura entre as narrativas fundamentais da mitologia peloponesiana, destacando-se como uma das primeiras a ser representada tanto na literatura quanto na produção artística grega (Iozzo, 2009). Registros indicam que essa tradição mitológica emergiu simultaneamente em textos escritos e manifestações visuais durante o século VII a.C., evidenciando uma relação intrínseca entre expressão literária e iconográfica no período arcaico (Ziskowski, 2009).

A referência mais antiga ao mito de Belerofonte encontra-se na "Ilíada", onde o relato homérico apresenta Belerofonte como um jovem de notável beleza que, durante sua hospedagem na corte de Tirinto, despertou a paixão da rainha Anteia, esposa do rei Proito. Belerofonte recusou às investidas da rainha, e esta o acusou falsamente de tentativa de violência (*Ilíada*, VI, vv. 160-165). Embora enfurecido, Proito abstém-se de executar pessoalmente Belerofonte, por respeito (VI, v. 167). Como alternativa, envia-o à corte da Lícia com uma mensagem sigilosa solicitando sua execução. Como observa Sousa e Silva (2022), essa relutância real pode estar vinculada ao princípio da *xenía*, o sagrado dever de hospitalidade que estabelecia obrigações recíprocas entre anfitrião e hóspede na cultura grega.

Na Lícia, o rei soberano (identificado por tradições pós-homéricas como "Iobates") cumpre rigorosamente os protocolos da *xenía*, oferecendo nove dias de hospitalidade ao herói antes de abrir a mensagem contendo a ordem de morte (VI, vv. 170-178). Ao deparar-se com a solicitação do genro, opta por uma solução indireta: encarrega Belerofonte de eliminar a Quimera, monstro híbrido descrito como possuidor de cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão, cujo hálito flamejante tornava-o praticamente invencível (VI, vv. 180-182). Essa estratégia revela a complexidade do dilema real, que precisava conciliar suas obrigações como hospedeiro com as demandas de Proito.

A subsequente vitória de Belerofonte sobre a Quimera, alcançada "obedecendo aos portentos dos deuses" (VI, v. 183), é seguida por triunfos militares contra os Sólimos e as Amazonas. Quando o herói sobrevive ainda a uma emboscada real durante seu retorno, o monarca lício percebe que ele era um semideus, abandonando definitivamente as intenções homicidas (VI, v. 191). O conflito resolve-se através da integração do herói na família real, com o casamento com uma princesa lícia e a concessão de metade do reino (VI, vv. 192-195).

Depois da Ilíada, a obra mais antiga a citar Belerofonte é “Teogonia”, que cita o herói brevemente, enquanto descreve a ascendência da Quimera, filha dos monstros Equidna e Tifão:

> Mas ela deu à luz também a Quimera, que sofra fogo invencível,/ terrível, grande, rápida e violenta./ Tinha três cabeças: uma de leão de olhos ardentes,/ outra de cabra e outra de serpente, de poderoso dragão/ pela frente leão, por trás dragão, no meio cabra,/ com um sopro de fogo terrível e ardente./ A esta mataram-na Pégaso e o nobre Belerofonte. (*Teogonia* , vv. 319-325).

O texto de Hesíodo mantém dois elementos centrais já presentes em Homero: a descrição da Quimera como um monstro de três cabeças que cuspia fogo, e sua derrota por Belerofonte. No entanto, Hesíodo acrescenta uma importante informação: o herói não teria vencido a criatura sozinho, mas com a ajuda de Pégaso, um cavalo alado nascido da união entre Poseidon e Medusa, filha das divindades marinhas Fórcis e Ceto (vv. 270-283). O período em que Hesíodo compôs seu poema coincide com o surgimento das primeiras representações iconográficas de Belerofonte em Corinto, como se verá adiante.

Conforme demonstra Ziskowski (2014), Belerofonte ocupou uma posição de destaque na tradição narrativa e artística de Corinto, não apenas enquanto ancestral mítico da dinastia local, mas também devido à sua intrínseca relação com a topografia da pólis, destacando-se como o único herói de origem coríntia presente nas epopeias homéricas. A autora ressalta que o mito desse herói integra o conjunto de narrativas de descendência da cidade, cuja função era consolidar a identidade coletiva mediante a evocação de antepassados e memórias compartilhadas, independentemente de sua historicidade.

A noção de território comum desempenhava um papel central na formação da coesão social. Diante da carência de registros históricos sobre Corinto na Idade do Bronze, é provável que seus habitantes tenham recorrido a tais narrativas para legitimar suas demandas territoriais (Lima, 2021). Embora Belerofonte mantenha vínculos mitológicos com Tirinto e Lícia, sua associação com Corinto tornou-se emblemática por meio do mito da domesticação de Pégaso na fonte de Peirene, localizada no coração da cidade (*Olímpica 13*, vv. 84-90). Esse evento, vincula o herói a um marco geográfico vital em uma região dependente de mananciais para seu abastecimento hídrico.

Figura 1. Sítio arqueológico da antiga fonte de Peirene.



Fonte: Archaeological Museum of Ancient Corinth (2016)

Ziskowski (2014) destaca ainda que as produções literárias gregas do período Arcaico, contemporâneas à consolidação da identidade coríntia, foram decisivas para a incorporação do mito à historiografia local. No entanto, adverte que a relevância de Belerofonte para os coríntios não deve ser analisada exclusivamente com base em fontes escritas, uma vez que representações iconográficas do mito e de seus personagens surgiram precocemente no período Protocoríntio, oferecendo evidências mais consistentes sobre sua importância nos primórdios da história da pólis.

3 PERÍODO ARCAICO

De acordo com Ziskowski (2014), os estudos sobre o mito de Belerofonte na iconografia grega concentram-se predominantemente nas pinturas de cerâmica, pois foram encontrados muitos artefatos coríntios do período arcaico que retratam esse mito sob múltiplas perspectivas. A autora destaca que os artífices coríntios foram os primeiros entre os gregos a elaborar representações visuais da narrativa belerofôntica, uma vez que não se registram, em outras regiões, ilustrações do herói em combate contra a Quimera tão antigas quanto aquelas presentes nos vasos coríntios. Essa produção artística estabeleceu uma tradição iconográfica definida já no segundo quartel do século VII a.C., consolidando Corinto como centro difusor dessa temática.

Durante o período Protocoríntio Médio I, as decorações cerâmicas limitavam-se, em sua maioria, a padrões geométricos, motivos florais e figuras de animais. Todavia, nas fases subsequentes os artistas passaram a desenvolver cenas narrativas reconhecíveis, entre as quais predominava o episódio de Belerofonte confrontando a Quimera (LIMA, 2021). Essa representação mitológica figura entre as primeiras manifestações de narrativas figurativas na cerâmica coríntia, atestando não apenas a popularidade do herói, mas também seu papel central na construção identitária da pólis.

Figura 2. Belerofonte e a Quimera. Vaso coríntio (kotyle) datado de 670 a 650 a.C



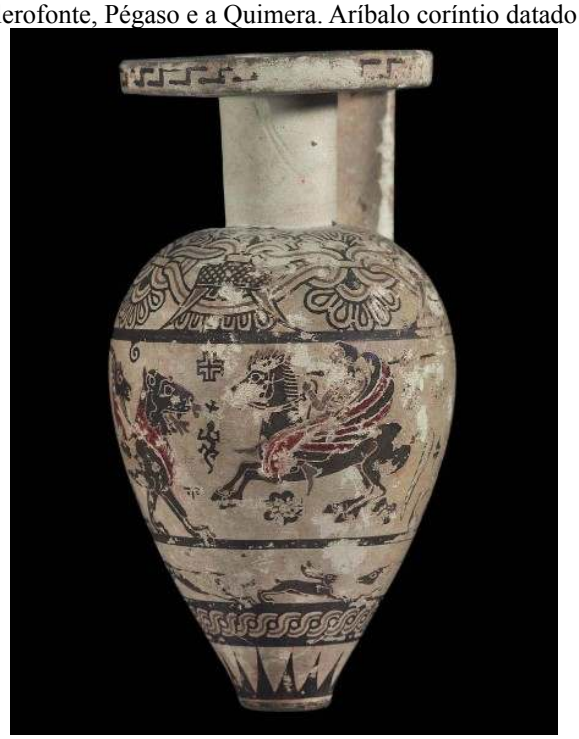
Fonte: Kolonna Museum (2014)

Como demonstra Ziskowski (2014), a predominância de representações do combate entre Belerofonte e a Quimera nas primeiras manifestações artísticas coríntias encontra justificativa na centralidade desse episódio na Ilíada, a mais antiga fonte literária que registra o mito. Nas epopeias homéricas, Corinto é citada em apenas três passagens, sendo que a única menção que ultrapassa uma mera referência geográfica é justamente a narrativa das façanhas de Belerofonte (*Ilíada*, IV, vv.152-156). Esse contexto sugere que, durante o período homérico, o mito belerofôntico pode ter sido a narrativa mais emblemática associada à cidade, o que explicaria a predileção dos artistas coríntios por esse tema em suas primeiras expressões iconográficas, consolidando-o como elemento fundamental da identidade local.

Vale ressaltar que, embora Homero denomine a cidade de Belerofonte como "Éfire" (*Ilíada*, VI, v. 152), a vinculação com Corinto é inquestionável quando se analisa sua linhagem genealógica, uma vez que seu avó, Sísifo, é tradicionalmente identificado como um monarca mítico coríntio. Essa associação é corroborada por outros autores antigos como Pseudo-Apolodoro (*Biblioteca*, I, 9.3) e Pausânias (*Descrição da Grécia*, II, 1.1), os quais explicitam que "Éfire" correspondia ao nome arcaico de Corinto.

Diante disso, torna-se compreensível que as representações da luta entre Belerofonte e a Quimera tenham se difundido na arte coríntia já na primeira metade do século VII a.C., reforçando a importância desse mito para a cultura visual da pólis. É importante destacar que Pégaso aparece associado a Belerofonte na maioria das representações artísticas, o que demonstra a influência da narrativa apresentada por Hesíodo em "Teogonia" (vv. 319-325).

Figura 3. Belerofonte, Pégaso e a Quimera. Aríbalo coríntio datado de 650 a.C.



Fonte: Museum of Fine Arts of Boston (2024)

Segundo Ziskowski (2014), embora as representações explícitas do combate entre Belerofonte e a Quimera tenham diminuído na cerâmica coríntia após o período Protocoríntio, os motivos da Quimera e de Pégaso mantiveram-se presentes na produção artística ao longo da fase Arcaica. Essa continuidade iconográfica indica que tais elementos haviam adquirido significativa capacidade de comunicação visual, sendo plenamente identificáveis pelo público mesmo quando desvinculados de uma narrativa mitológica completa.

A persistência dessas figuras nas cerâmicas sugere que os artífices coríntios continuaram a empregar símbolos chave do ciclo belerofôntico, ainda que de forma fragmentária. Essa prática demonstra como certos componentes do mito haviam se tornado convenções visuais autônomas, capazes de evocar o conjunto da narrativa mesmo na ausência de sua representação integral.

Figura 4. Representação da Quimera. Aríbalo coríntio datado entre 615 a.C a 590 a.C.



Fonte: Victoria and Albert Museum (2014)

4 PERÍODO CLÁSSICO

Conforme demonstra Ziskowski (2014), o declínio nas representações do confronto com a Quimera pode ser atribuído à crescente proeminência do episódio da domesticação de Pégaso na fonte de Peirene como elemento central do mito belerofôntico no período pós-arcaico. Essa mudança de ênfase é corroborada por fontes literárias do período clássico, como a "Ode Olímpica 13" de Píndaro, na qual o poeta privilegia a narrativa da dominação do cavalo alado em detrimento do combate contra o monstro.

Segundo Rocha (2018), a "Ode Olímpica 13" foi composta em honra a Xenofonte de Corinto, atleta vitorioso nas modalidades de estádio e pentatlo nos Jogos Olímpicos. Neste epinício, Píndaro não apenas celebra as conquistas do atleta, mas também exalta a heroica tradição coríntia, evocando figuras mitológicas como Sísifo, Glauco, Medeia e, de forma mais destacada, Belerofonte.

O poeta apresenta uma versão particular do mito de Belerofonte, enfatizando o episódio da domesticação de Pégaso. Na narrativa pindárica, após repetidas tentativas frustradas de domar o cavalo alado nas proximidades da fonte de Peirene, Belerofonte recebeu a intervenção divina de Atena. A deusa apareceu-lhe em sonho, oferecendo-lhe um freio encantado que possibilitou o controle da criatura:

> Proclamou-lhes que na cidade da Pirene jaziam/ o poder, sua ampla herança e o palácio de seu pai,/ aquele que muito sofreu por desejo de encilhar/ o filho da ofídica Górgona, Pégaso, junto à fonte;/ até que a ele trouxe o freio de tiras douradas/ a virgem Palas e de um sonho num instante/ tornou-se presente e disse: “Dormes, rei eólida?/ Toma, recebe este feitiço para os cavalos/ e mostra-o a teu pai, o Domador, e sacrifica um touro branco". (*Olímpica 13*, vv. 61-69).

O poema continua afirmando que Belerofonte seguiu as orientações de Atena, fazendo sacrifícios a Poseidon, e construindo um altar para a deusa (vv. 70-82). Esses rituais mostram como a obediência aos deuses era essencial para o sucesso dos heróis na mitologia grega. Com o freio mágico dado por Atena, Belerofonte consegue domar Pégaso, vencer a Quimera, derrotar os Sólimos e triunfar sobre as Amazonas. (vv. 84-90). Essa passagem ressalta não apenas o favor divino, mas também a especial conexão entre o herói e a paisagem coríntia, simbolizada pela fonte de Peirene.

Figura 5. Reconstrução 3D da fonte de Peirene durante o período clássico, no jogo “Assassin's Creed Odyssey”.



Fonte: Ubisoft (2018)

Ziskowski (2014) destaca que, entre os diversos artefatos que fazem referência ao mito de Belerofonte, as moedas cunhadas pela cidade de Corinto constituem um dos conjuntos mais relevantes. A produção numismática coríntia, iniciada no segundo quartel do século VI a.C., apresentava inicialmente a figura de Pégaso no anverso e um motivo geométrico no reverso (Lima, 2021). Contudo, no final do mesmo século, observa-se uma significativa alteração: o desenho geométrico foi substituído pela efígie da deusa Atena.

Figura 6. Estáter coríntio de prata datado de 415 a.C a 387 a.C.



Fonte: British Museum (2025)

Segundo Ziskowski (2014), a manutenção da imagem de Pégaso combinada com a introdução de Atena, sugere uma alusão ao episódio mitológico no qual o herói Belerofonte, com auxílio da deusa, conseguiu domar o cavalo alado. Essa escolha iconográfica não apenas reforçava a narrativa local, mas também servia como elemento de legitimação histórica do território coríntio, vinculando-o a um passado heroico e divino.

A cunhagem monetária constitui uma das mais evidentes manifestações de identidade cívica no mundo antigo, uma vez que as imagens selecionadas para as moedas refletiam valores e tradições da comunidade, funcionando como símbolos políticos tanto para o âmbito interno quanto externo da pólis (Ziskowski, 2014). A persistente utilização da figura de Pégaso nas emissões coríntias ao longo de séculos demonstra claramente a importância central deste elemento mitológico na construção identitária da cidade.

5 PERÍODO ROMANO

Durante o período romano, a iconografia de Belerofonte permaneceu como um dos principais símbolos da identidade cívica de Corinto, sendo amplamente difundida por meio das emissões monetárias da colônia. Conforme observa Robinson (2011), embora a cidade tenha sido destruída em 146 a.C. e posteriormente refundada como colônia romana por Júlio César, o herói continuou ocupando posição de destaque no imaginário coríntio, ilustrando a permanência das tradições míticas locais mesmo sob o domínio de Roma. Esta constatação é corroborada pelo testemunho de Pausânias (*Descrição da Grécia*, II, 2.4), que registrou a existência de um santuário dedicado a Belerofonte na Corinto do século II.

Nesse contexto, as moedas assumem um papel fundamental para o estudo da iconografia de Belerofonte, uma vez que poucas representações figurativas produzidas em outros suportes, especialmente na cerâmica coríntia desse período, chegaram até a atualidade. Em razão dessa escassez, Robinson (2011) considera as emissões monetárias a principal fonte para a análise da tradição iconográfica romana de Corinto, sugerindo ainda que seus tipos provavelmente reproduzem ou refletem composições monumentais atualmente perdidas, como esculturas, relevos ou pinturas expostas em espaços públicos da cidade.

As primeiras emissões da colônia romana retomam deliberadamente a tradição heroica coríntia. Na moeda emitida entre 44 e 43 a.C., durante a administração colonial associada à memória de Júlio César, Belerofonte é representado montado em Pégaso, em pleno voo, segurando uma lança e avançando para enfrentar a Quimera (Figura 7). A composição privilegia o herói já triunfante, enfatizando sua façanha mais célebre e reafirmando sua condição de vencedor do monstro (Robinson, 2011).

Figura 7. Moeda de bronze de Corinto, datada do século I a.C.



Fonte: NumisBids (2026).

Após a refundação de Corinto como colônia romana (*Colonia Laus Iulia Corinthiensis*) por Júlio César, a administração da cidade passou a contar com magistrados locais encarregados, entre outras atribuições, da supervisão da cunhagem monetária. Entre esses oficiais destacam-se P. Tadius Chilo e C. Julius Nicephorus, cujos nomes aparecem nas emissões datadas de 43–42 a.C. Como era prática comum nas cidades do mundo greco-romano, os magistrados monetários tinham seus nomes inscritos nas moedas sob sua responsabilidade administrativa, funcionando como garantia oficial da emissão, e não como uma homenagem pessoal. Assim, diferentemente das moedas que ostentam o

retrato de Júlio César, as emissões de Chilo e Nicephorus não celebram esses indivíduos, mas identificam os funcionários responsáveis pela cunhagem da moeda (Robinson, 2011).

Nas moedas cunhadas por Chilo e Nicephorus, Robinson (2011) identifica uma mudança significativa na narrativa iconográfica, pois a arte apresentada ilustra um episódio anterior da narrativa mítica: a captura e domesticação do cavalo alado junto à fonte de Peirene. Nessa composição, Belerofonte é representado em intensa luta corporal com Pégaso, comprimindo o corpo contra o animal e empregando toda a sua força para dominá-lo, enquanto o cavalo resiste vigorosamente. Ao fundo, uma abertura em arco é interpretada pela pesquisadora como uma representação esquemática da fonte de Peirene, reforçando a identificação do episódio. A autora destaca que essa imagem não representa simplesmente o herói ao lado de seu cavalo, mas dramatiza o instante da conquista de Pégaso, enfatizando o esforço físico necessário para sua domesticação antes da realização dos feitos heroicos. Dessa forma, a composição estabelece uma estreita relação entre Belerofonte e um dos monumentos mais emblemáticos de Corinto, transformando a própria paisagem urbana em parte integrante da memória mítica da cidade.

Figura 8. Moeda de bronze de Corinto, datada do século I a.C.



Fonte: Harlan J. Berk, LTD (2022).

Assim, para Robinson (2011), as emissões monetárias romanas não apenas preservam uma tradição iconográfica de origem mais antiga, mas também desempenham um importante papel na reafirmação da identidade cultural coríntia. Ao associarem Belerofonte, Pégaso e a fonte Peirene em um suporte de ampla circulação, essas moedas contribuíram para perpetuar a memória do herói fundador da tradição local e demonstram como a iconografia monetária funcionou como um instrumento de continuidade simbólica entre a Corinto grega e a Corinto romana.

6 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, foi analisado como a figura de Belerofonte ocupou um papel central na construção da identidade cultural e política da pólis de Corinto. A análise da iconografia, desde as primeiras representações em cerâmica protocoríntia até as cunhagens monetárias romanas, demonstra a adaptação e permanência do mito, destacando-se três aspectos fundamentais: sua função legitimadora do território, sua vinculação com a topografia local (especialmente com a fonte de Peirene), e sua capacidade de integrar narrativas heroicas à identidade cívica.

A evolução iconográfica não se limitou a uma mera ilustração de narrativas literárias. Pelo contrário, as imagens atuaram ativamente na formação da memória coletiva coríntia. No período Arcaico, a recorrência do motivo Belerofonte-Pégaso-Quimera na cerâmica contribuiu para consolidar uma tradição visual distintiva que diferenciava Corinto no contexto peloponesiano. No período Clássico, a associação de Pégaso com Atena nas moedas reforçou a narrativa de favor divino e excelência cívica, enquanto, na Corinto romana, a manutenção desses símbolos após a refundação colonial ressaltou a resiliência cultural da cidade, capaz de preservar sua identidade mítica mesmo sob domínio estrangeiro.

A persistência de Pégaso e da Quimera na arte coríntia, mesmo em contextos não narrativos, revela como esses símbolos transcenderam sua origem mítica para se tornarem emblemas da pólis. Assim, o mito belerofôntico cumpriu múltiplas funções simultâneas: legitimadora do espaço urbano (ao ancorar o herói na fonte de Peirene), coesiva da comunidade (ao oferecer um ancestral glorioso compartilhado) e distintiva no panorama grego (ao afirmar a singularidade coríntia). A persistência dessas representações por mais de um milênio ilustra a potência da iconografia como mecanismo de autorrepresentação política e cultural nas sociedades antigas.

REFERÊNCIAS

HESÍODO. **Teogonia, Trabalhos e Dias**. Tradução de Ana Elias Pinheiro e José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional, 2014.

IOZZO, M. The Chimaera, Pegasus and Bellerophon in Greek Art and Literature. In: **Myth, Allegory, Emblem, the Many Lives of the Chimaera of Arezzo**. Malibu: Getty Museum, 2009.

JONES, P. Introdução. In: **Ilíada**. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2018.

LIMA, A. Pégaso no Imaginário de Corinto Arcaica. **PHOÎNIX**, v. 27, n. 2, p. 168-175, 2021.

PAUSÂNIAS. **Descrição da Grécia**. Livro II. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022

ROBINSON, B. **Histories of Peirene: A Corinthian Fountain in Three Millennia**. Atenas: American School of Classical Studies at Athens, 2011.

ROCHA, R. **Píndaro, Epinícios e Fragmentos**. Curitiba: Kotter Editorial, 2018.

SILVA, T. B. **Tradução e Comentário à 13o Olímpica de Píndaro**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015.

ZISKOWSKI, A. The Bellerophon Myth in Early Corinthian History and Art. **Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens**, v. 83, n. 1, p. 31-102, 2014.